

Rodrigues, Aryon Dall'Igna (1945)
Glotologia Tupí-Guaraní I: A Língua Tupí-Guaraní
(manuscrito)

Este manuscrito, depois de 72 anos, é agora publicado na RBLA. Ele reflete uma fase dos estudos histórico-comparativos do professor Aryon Dall'Igna Rodrigues. É a sua primeira fase de linguista, na qual se serve da glotologia para rerealizar os seus primeiros estudos históricos comparativos. Era um "rapazote" como ele próprio costumava dizer.

GLOTOLOGIA TUPI-GUARANI

I

A língua Tupi-Guarani

Devido ao considerável atrazo
lem que se encontram os estudos
glotológicos na América, ainda
não podemos ter uma verdadeira
idéia sobre a origem dos diversos
grupos linguísticos. Se bem que se
concorde na comum origem dos
ameríndios tendo como provindos
da Ásia oriental, através de Behring,
& forçoso é notar-se que certos grupos
linguísticos mostram uma, pode-se
dizer, completo alheiamento, querendo
do ^{assim} indicar ^{alheios} origens alheias. Esse
fato pode, entretanto, suscitar a hi-
pótese da grande antiguidade do es-
tabelecimento dos indígenas no
Novo Continente. Contudo é necessário
que a glotologia americana muito se
desenvolva, aplicando-se o método
comparativo entre as línguas de cada
grupo, primeiramente, para bem de ter-
miná-los, e depois entre os diversos
grupos, para que ^{bem} se possa ^{bem} apreciar
a situação e relação que entre si apre-
sentam ^{diversos} grupos que por enquan-
to divisamos, podendo ^{mesmo} ^{ter} ^{lugar}
ainda alguma dúvida quanto à origem

de todas as línguas americanas. Embora vejamos a ~~uma~~ grande probabilidade de imigração por Behring, não afastamos a hipótese de Rivet que, quizá, pode ter sua razão. Esperamos mais tarde examinar conjuntamente as línguas patagônicas ^{on}txon e as línguas polinésicas.

Observando as línguas da América meridional facilmente notam-se vestígios de cruzamentos e, ~~como~~ do mesmo modo facilmente, encontra-se línguas completamente isoladas (como ^mo Karofá, o Chavante de S. Paulo ou Eochavante de R. von Hiering, etc.). Os grandes grupos linguísticos apresentam verdadeiras paredes entre si. É, entretanto, possível que futuros estudos venham a demonstrar algum antigo ^{en}cadeamento que, devido a posteriores fracionamentos tribais, não nos transpareça à primeira vista.

Quanto ao grupo tupi-guaraní, é ele dos maiores da América meridional, apresentando-se, ^{de} primeira vista, muito clara a sua dialetação, o que se espelha no fato de todos os que o têm estudado dividirem-no nos dois ramos, meridional e setentrional, guaraní e tupi. Só nos apresenta um ponto um tanto escuro: são as línguas da ^{setentrional} Amazônia, o Mundurucú, o Apicá, o Omáqua, o Guruna, ^{o Hokama} que

nos parecem línguas mixtas, sendo mesmo que na maioria dessas línguas, todas ~~de~~ dadas como tupi-guaraní, há maior porcentagem de elementos não tupis que elementos tupis. Das línguas citadas talvez só não se possa dizer tal quanto ao Apicá (Apicá do Amazonas), o qual, convém dizer deve não ter relações imediatas com o Apicá de Mato-Grosso (Rio Arinos), que é declaradamente tupi-guaraní.

Outro fato que não condiz com a clareza da simples primitiva dialetização em tupi e guaraní, é a fonética ~~da~~ e, em parte, até a ~~lexicologia~~ ^{deverendo,} do Tembé do Pará, que, pela sua posição geográfica, ~~deveria~~ ^{deveria} ser um intermediário entre o antigo tupi (costa oriental) e o tupi atual (Inkengatú da Amazônia), mostra-se ^{ontretanto,} foneticamente guaraní. Ao Tembé talvez se alie o Guajajara do Maranhão, ainda não bem estudado. Também o Apicá do Rio Arinos mostra traços fonéticos guaraní, embora não tão acentuados. É possível que a par da grande migração pelo litoral em sentido sul-norte (sob o ponto de vista lingüístico não há dúvida (!) que o grupo tupi-guaraní tem sede primitiva no sul) tenha havido outra ou outras menores, talvez antes dela, através do Brasil

Central, passando da bacia do Paraná para a amazônica. Então convém observar que o Bororo-coroado (Orarimugudogue) ^{de M. Gr., Rio S. Lourenço, Gauri e Cadasal,} apresenta traços de um remoto contacto com língua tupi-guarani.

* * *

Quanto à principal partição do grupo tupi-guarani em ramo setentrional (tupi) e ramo meridional (guarani), é muitíssimo evidente para que sobre ela reste alguma dúvida. Esses dois ramos caracterizam-se pelos fatos fonéticos e, em parte, pelo léxico, características diferenciais estas já notadas por Anchieta. O primeiro gramático da língua tupi diz à pág. 1, v., da sua "Arte de Gramática" que os índios do norte, desde os Pitiguares do Paraíba até os Tamóios do Rio de Janeiro pronunciavam inteiros os verbos terminados em consoante, como apâb, acêm, aiûr, etc. e anesmo, às vezes, apâbi, etc., mormente quando compostos: apâbine, acêmine, aiûrine (futuro), etc.; enquanto que os índios do sul, "os tupis de S. Vicente, que são além dos Tamóios do Rio de Janeiro", nunca pronunciavam a última consoante no verbo afirmativo,

conservando ainda essa omissão nas formas compostas: apô, acê, aiú, etc., apâne, acéne, aiúne, etc.

É esta na verdade a principal característica fonética entre os dois grandes ramos — os vocabúlos ^{paroxítonos} primitivos conservaram-se assim no tupi enquanto ^{no guaraní} passaram a oxítonos, por a pécope da sílaba átona; e, ao lado destas, outra não menos importante: onde no tupi encontramos a sibilante s, encontramos no guaraní a aspirada h: setá = hetá, so = ho, resé = rehé, etc. // Como exemplos de diferenças lexicais tenhamos:

(o) yepé = peteí, sapukáia = iriguasú, monháñ = yapó, yatúka = mbikí, irúmo = mdivé, oyii = angué, porá = tenihé, apíá-wa, apigáwa = kuimbaé, pitúna = piharé, okára = korapí, etc.

x x x

O PROTO TUPI-GUARANI

Embora não possamos ainda determinar qual a origem das línguas tupi-guaranis, temos que admitir uma primitiva língua da qual promanam todas as que vimos encontrando desde a descoberta da América; uma língua mãe da qual procede a generalidade do léxico das línguas tupis e guaranis. A existência de tal língua mãe

nos é demonstrada pelo mais simples raciocínio, pois que, havendo duas línguas irmãs, aparentadas estreitamente pelos léxicos, têm elas necessariamente que admitir uma origem comum, sendo uma dialeto ou codialeto (1) da outra.

A essa língua, que é pré-histórica, chamaremos, seguindo o ilustrado linguista português, dr. Rosário Farani Mansur Guérios, chamaremos proto-tupí-guaraní (2); e compreendemo-la como "um estado linguístico homogêneo ou mais ou menos tal; é a primeira estratificação, a qual comporta particularidades linguísticas entrevistas antes da época histórica, i. é, antes dos fracionamentos dialetais" (2).

O proto-tupí-guaraní, nós o podemos reconstruir graças à comparação de todos os dialetos tupí-guaraníes vivos e mortos, de todas as regiões em que houverem. A reconstituição do proto tupí-guaraní nos facilita em

(1) Entende-se por dialeto de uma língua qualquer, outra língua a ela aparentada em linha reta, i. é, dela proveniente diretamente e diferenciada por motivos quaisquer. Uma língua qualquer é codialeto de outra, quando mantém com essa outra parentesco em linha colateral, i. é, quando as duas provem de uma terceira, que tomou, simultaneamente dois diferentes rumos na sua evolução. No 1º caso tem-se uma língua-mãe e uma língua filha; no 2º as duas primárias são, entre si, línguas irmãs, e, em relação à terceira, línguas filhas.

(2) R. F. M. Guérios, Novos Rumos da Tupinologia,

muito a determinação de elementos estranhos, denunciadores de cruzamentos, nos vários dialetos.

Na reconstituição do proto-tupí-guaraní somos levados a admitir o seu fracionamento, em época ainda pré-histórica, em, pelo menos, dois ramos: tupí e guaraní. A razão de tal demonstraremos ~~maneira~~ praticamente mais adiante. Quanto às denominações tupí e guaraní, aplicadas, aquela ao ramo setentrional, e ao meridional esta, nós as adotamos simplesmente pelo fato de serem elas usadas, em geral, para indicar os índios da família tupí-guaraní que se localizam ao norte e ao sul do Brasil, respectivamente, si bem que alguns autores dêem preferência a um ou outro nome, aplicando-os em sentido geral, notando-se que os brasileiros preferem tupí, enquanto os paraquaios acham melhor guaraní; e não faremos questões de saber si os silvícolas conheciam essas palavras com os sentidos que lhes damos ou não, pois o que mais se deve ter em vista é que as denominações tenham um só sentido, e que cada coisa tenha um só nome, afim

-8-

de que se evite qualquer confusão.